

O Globo, 21 de Setembro de 2022.

## **Desemprego, inflação e dívidas afetam mais os nordestinos: pesquisa inédita mostra onde o Índice de Miséria é pior.**

*Bahia, Pernambuco e Ceará têm quadro muito mais grave do que na média nacional. Estudo da UFRJ leva em conta ainda desigualdade de renda.*

Por: Cássia Almeida

O desemprego, a inflação e o endividamento das famílias afeta de forma mais dura os estados do Nordeste, mostra uma nova pesquisa elaborada pelo economista João Saboia, professor emérito da UFRJ.

A Bahia é o estado do país onde o Índice de Miséria Regional é o mais alto: 89,9 pontos (quanto mais perto de cem, melhor). Em seguida, aparecem Pernambuco (83 pontos) e Ceará (81,9 pontos). O índice foi calculado para todos os estados nos quais há estatística local de inflação.

Os economistas costumam usar como referência a soma das taxas de desemprego e de inflação como a chamada Taxa de Miséria, que mede o mal-estar da população. Em sua pesquisa, Saboia acrescentou outros indicadores, como inadimplência, que limita o acesso ao crédito para o consumo. E também a desigualdade de renda entre os mais ricos e os mais pobres.

Depois de lançar o Índice Nacional de Miséria, o pesquisador compilou agora os dados regionais. Na média brasileira, o indicador é de 65,3, o maior da série histórica iniciada em 2012.

Os estados do Nordeste já entraram na pandemia abatidos pela recessão anterior, entre 2015 e 2016, com a pobreza aumentando, afirma a professora do Departamento de Economia da Universidade Federal de Pernambuco, Tatiane

Menezes, ao ver que a qualidade de vida da população no seu estado piorou bem mais que a média.

O Índice de Miséria Regional, calculado pela UFRJ, que mostra onde estão os brasileiros mais afetados pela crise, chegou em Pernambuco a 83— quanto mais perto de cem, pior a situação.

— A economia do Nordeste é pouco dinâmica, sofreu muito com a recessão de 2015 e 2016 e não se recuperou. A pandemia veio e já encontrou muito emprego informal, desalento, e a insegurança alimentar aumentou — afirma a pesquisadora.

A renda baixa nesses estados é uma das principais explicações para o desempenho ruim no indicador. Em Pernambuco, o rendimento médio per capita dos 20% mais pobres era de R\$ 90 mensais, na Bahia, R\$ 102,50, no Pará, R\$ 121, enquanto a média do país ficou em R\$ 187,50 no ano passado.

### **Os invisíveis do Auxílio Brasil**

“A constatação a partir dos resultados encontrados é a enorme diferenciação dos índices de miséria nos vários estados. Mais uma vez, fica a constatação dos dois Brasis — o do Norte/Nordeste e o do Sul/Sudeste. Os índices da Bahia, Pernambuco, Ceará e Pará são sistematicamente maiores do que a média nacional, enquanto os demais estão abaixo da média”, diz o estudo que é feito em coautoria com João Hallak Neto, do Conselho Regional de Economia do Rio.

Quatro estados têm resultado pior que a média do Brasil, três do Nordeste e um do Norte. Com resultado melhor que a média estão os estados do Sul e Sudeste e o Distrito Federal, que, em termos socioeconômicos, são mais desenvolvidos, afirma Saboia.

### **70% das vagas formais concentradas no Sul e no Sudeste**

A falta de dinamismo econômico é uma das razões apontadas pela professora Diana Gonzaga, coordenadora do grupo de pesquisa em Economia do Trabalho

da Universidade Federal da Bahia, para a situação do seu estado, que tem o indicador mais alto, 89,9.

A taxa de desemprego na Bahia chegou a 21% no auge da pandemia, atualmente está em 16,7%, mas sempre é a maior ou está entre as maiores ao longo dos trimestres, segundo Diana:

—As recessões, como a que veio como efeito da pandemia, sempre intensificam as desigualdades preexistentes. A estrutura produtiva dos estados mais vulneráveis não tem capacidade de absorver sua força de trabalho. São poucos empregos formais. Por isso, há uma parcela muito grande de emprego informal nessas regiões.

Segundo Diana, 70% das vagas formais no país estão concentradas no Sul e Sudeste.

As melhores pontuações, pelo estudo, estão no Rio Grande do Sul, 41,1, e no Distrito Federal (40), que exibem resultado perto da metade dos registrados nos estados do Nordeste. Como citou Diana, nestas regiões há mais formalização no emprego, o que gera mais renda, o que explica a distância no bem-estar da população:

— Mas a evolução é a mesma em todos os locais. Melhora até 2014, piora na recessão de 2015 e 2016, melhora um pouco até 2019 e depois piora — diz Saboia.

Para todos os estados incluídos no estudo, o índice de 2021 é o maior, o que indica o impacto da pandemia.

### **Maior desemprego**

Cássio Besarria, professor do Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba, cita a inflação maior como outra causa. A universidade acompanha os preços de carne bovina, leite, feijão, arroz, farinha de mandioca, tomate, pão francês, café, açúcar, banana prata e nanica, óleo de soja e manteiga

em João Pessoa. Hoje, essa cesta custa R\$ 562,50, 25% mais cara que em janeiro de 2021:

— Na pandemia, os preços dos alimentos subiram acima da média brasileira.

Link para a matéria original:  
<https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2022/09/crise-economica-afetou-mais-gravemente-quem-vive-no-nordeste.ghtml>